

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 20 de Junho de 1987 * Ano XLIV — N.º 1129 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Quando as dificuldades materiais se juntam às de ordem moral, temos os filhos da Rua. Pobres filhos! Pobres pais!

Cantinho da Família

Ontem chegaram o Filipe e o Rui. Aquelle, de 10 anos; este, de 6. Não conheço crianças mais belas! Para ti, se és pai ou mãe, os teus filhos são sempre os mais bonitos. Quando assim acontece, toda a vossa vida é para eles. E, se os quereis ver sempre com os mesmos olhos, haveis de construir para eles e com eles um lar feliz onde não faltem a paz e a alegria que são fruto do amor sincero que vos uniu de uma vez para sempre.

Pela experiência que temos, colhida ao longo dos muitos anos que levamos nesta vida, damos conta da desgraça que é um lar desfeito. Os filhos são sempre vítimas. Mesmo quando não há dificuldades materiais, o que permite não ficarem na rua, as marcas dessa desgraça acompanham-nos ao longo da vida. Sem estabilidade afectiva, resultante do amor estável que gerou os filhos, instala-se o desequilíbrio que mais tarde ou mais cedo vem a manifestar-se. E, quando as dificuldades materiais se juntam às de ordem moral, temos os filhos da Rua. Pobres filhos! Pobres pais! Já que, em situações difíceis geradas no seio

dos lares, faltam a coragem e a decisão para manter a fidelidade mútua entre marido e mulher, ao menos, por amor dos filhos, queremos ser a voz destas crianças! Pedimos aos pais que não desfaçam os lares que formaram. Pedimos que busquem até ao fim as energias que podem salvar o lar. Os filhos merecem tudo. Merecem o dom da vida dos pais, numa família unida e fiel até à morte.

O Filipe e o Rui vieram em situação de urgência. Tinham que ser salvos! A família desfez-se. Não podiam esperar nem sofrer mais. Estas são as nossas grandes aflições. Não vivemos angustiados. Preocu-

pados, sim. A situação está a tornar-se alarmante. É a família que está em causa. Nela se deve aplicar o remédio, em primeiro lugar. Os que detêm o poder ou ocupam lugares de decisão que estão a fazer? Que leis têm votado? Algumas contra a Família! Será que a Família, como célula da Nação, tem sido defendida? Não sei que mais dizer!

Nenhum filho pode ser feliz sem a família. Primeiro, a original. Então, cuide-se dela. É um direito dos filhos. Que a Casa do Gaiato seja capaz de dar ao Filipe e ao Rui a família que perderam.

Padre Manuel António

SETÚBAL

Logo que me seja possível, irei mandar para O GALATO uma imagem exterior da nossa casa, no Portinho da Arrábida.

A sua aquisição tem revelado a todos, aos crédulos e incrédulos, a maravilhosa Providência de Deus e a Vontade Santíssima do Senhor de a pôr ao serviço dos pobres. Pelas ajudas chegadas de toda a parte e pelos testemunhos nelas trazidos, esta esperança transformada em certeza tornou-se um dado adquirido.

Porque a partilha é de todos e porque ela é fonte comum de alegria e de estímulo, afvai com a beleza e a heroicidade que só Deus conhece.

Uma viúva em dor tinha, com o defunto marido, feito a promessa desta quantia — se ele melhorasse. O Senhor entendeu melhorá-lo de situação, levando-o para o Lugar seguro e definitivo que é a Sua Luz. A esposa, implorando a graça da Fé e da Esperança, envia cem contos. A mesma quantia vem de um padre que já tem repartido connosco noutras ocasiões; de um casal amigo que faz questão de sublinhar a unidade de intenção e o sacrifício de ambos; outro casal, sem palavras, o mesmo valor.

Cinquenta contos de um amante da Arrábida que pas-

sou a sua lua-de-mel no Convento e... «fiquei radiante com

Cont. na 2.ª pág.

Mais um livro de Pai Américo

DE COMO EU FUI...

Crónicas de viagem

As folhas estão já na encadernação para se ultimar o livro, enquanto imprimem a capa na offset.

DE COMO EU FUI... — CRÓNICAS DE VIAGEM, tem mais de trezentas páginas e poderemos considerá-lo mais um diário que reflecte a Vida e Obra de Pai Américo — abertas ao mundo.

«Tal como naquela hora, eu vejo e sinto as pessoas, os lugares, panoramas, coisas, tudo; de tal sorte que o ler e o viajar são uma e a mesma

coisa. Nada se esconde do que se pode dizer. Nada se diz do que se deve esconder» — como afirma noutra edição, em crónicas d'além-mar.

Curiosamente, este livro é mais uma presença viva de Pai Américo no ano Centenário do seu nascimento — que ora decorre. Sairá em período de férias — para uma parte das gentes — e será uma boa companhia para os leitores!

A laia de aperitivo, citemos a nota de abertura — escrita pelo nosso Padre Carlos —

que sublinha, também, o critério que preside à selecção do texto, recolhido d'O GALATO n.º 29 ao 322:

«De como eu fui... aqui ou ali, fazer isto ou aquilo — era o título gracioso que Pai Américo dava às crónicas das viagens que fazia pelo País, a revelar a Obra da Rua às populações de cidades e vilas ou a tratar de assuntos que à Obra importavam.

O presente livro é uma re-

Cont. na 2.ª pág.

NAO SE DEIXEM ENGANAR!

Pessoas ou grupos organizados servem-se do nome da Obra da Rua ou da Casa do Gaiato para receber dinheiro — indevidamente. Fazem peditórios (nas ruas de Lisboa e não só). Vendem bilhetes falsos com carimbo falso (no Porto, na região Norte) para festas que não se fazem. Actuam em lugares diferentes!

Já comunicámos o facto, há mais de um ano, à Polícia Judiciária. Demos notícia através da RTP. Os jornais diários já falaram, também. As queixas continuam a chegar! Pedimos que não se deixem enganar! Exijam a identificação!

Padre Manuel António

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ A mulher (miudinha, débil por natureza) não se queixa, mas do filho:

— Está doente!

Vemos o recibo do salário do marido. Então, desabafa:

— Vêjam com'ê verdade...!

Não comentamos. Reflectimos com os nossos botões: Ele trabalha no grande Porto. Paga comboio e, auto-carro. Tem o salário mínimo para quatro pessoas, cinco contos do qual para habitação (contratada por dez).

— Com'ê q'a gente pode viver?! — toma a mulher.

Pagam cinco porque os leitores reduziram metade do fardo, que a família vivia numa corte, de favor. E quanto suaram para encontrar moradia decente...!

— A renda é muito cara! Precisamos de mudar, mas p'ra onde...?!

Faltam casas para Pobres!

Não fosse a Autoconstrução, também o Património dos Pobres, aqui é ali (em zonas urbanas) um bairro de habitações sociais — que seria por estas bandas?

Faltam loteamentos económicos para os Autoconstrutores, bloqueados em todo o sentido, que as repartições guardam, na prateleira, bem encadernada (talvez), legislação conducente à implementação de acções de Autoconstrução. Legislar para inglês ver!

Em suma: No caso vertente, esta gente precisa de estender a mão. E que seria, se não fosse a ajuda regular no aluguer e na mercearia?!

PARTILHA — Tortozendo: um conto de réis. Outro, duma assídua visitante, muito delicada. Cumprimenta, dialoga com brevidade («amigo não empata amigos») e despede-se com um sorriso nos lábios.

Mais um conto, duma Amiga, de S. Pedro do Sul. Carta e remessa da assinante 29884, da capital, devotada aos Pobres. O costume da assinante 19177, do Porto. Cheque do «Manuel de Braga» para «as irmãs Viúvas». Aqui temos um problema actualíssimo, desde que os primeiros discípulos aprenderam e praticaram a Doutrina do Mestre!

Outro cheque, agora da assinante 36906, motivado por casos apontados nesta coluna; e um propósito: «É muito pouquinho, mas, se Deus quiser, proximamente enviarei mais uma migalha». A «Maria de Portugal» vai ausentar-se «alguns meses e, para não prejudicar os queridos Irmãos pobres, envia um cheque (de 3.000\$00) que distribuirão como entenderem». A Caridade é assim!

A oferta habitual da assinante 31104, sempre volumosa!, recomendando que basta n' O GAIATO, «que leio sempre, surja uma referência discreta para ter a certeza de ser recebido». Mulher feliz!

No fim da procissão, a assinante 21912, de Carcavelos; a assinante 26471, de Algueirão, «que gostaria» de óbulo «fosse entregue a uma senhora idosa e doente, como aliás já vem sendo tradição, há cinco

anos»; e mais três contos de um sacerdote, de Cinfaes, muito atento à dor dos Prostrados.

Em nome dos Pobres, um muito obrigado — bem português!

Júlio Mendes

Paço de Sousa

OBRAS — O novo edifício da tipografia continua a subir e não tarda muito que as paredes estejam levantadas.

É uma obra importante para a vida da nossa Aldeia, particularmente para os nossos artistas gráficos.

AGRO-PECUÁRIA — O rebanho de ovelhas aumenta a olhos vistos! O pastor (Ricardito), trata delas com muito carinho. Nunca as deixa sem comer e, à noite, vai sempre recolhê-las.

VÍDEOS — A promessa oficial foi cumprida.

Já chegaram os vídeos para os nossos tempos livres serem ocupados a ver filmes e programas que não temos oportunidade de ver à semana.

DESPORTO — Em 30 de Maio, defrontámos o Real Sociedade do Campo Lindo, em infantis e iniciais.

O primeiro jogo, entre os infantis, foi ganho, pelo nosso grupo, por 4-2.

No segundo, à tarde, entre os iniciados, a nossa equipa saiu vitoriosa depois de ter estado a perder por 1-0. Deu a volta ao jogo e ganhámos por 5-1.

Em 31 de Maio, defrontámos um grupo da Praia da Granja: Heróis de Brito. Um jogo bem disputado, que terminou empatado a zero.

Os seniores não conseguiram, desta feita, imitar os mais novos que venceram os dois jogos no dia anterior.

VISITAS — Continuam a visitar-nos. Cada vez mais! Centenas de pessoas! Nos fins-de-semana, e em dias úteis, os visitantes aparecem e

brindam os «Batatinhas» com guloseimas e doces.

CENTENÁRIO DE PAI AMÉRICO — Recentemente, a comunidade paroquial também homenageou Pai Américo.

Foi organizada uma procissão da nossa Capela à igreja do mosteiro, na qual foi celebrada a Eucaristia por intenção de Pai Américo. Na hora própria, Júlio Mendes falou aos cristãos sobre a Vida e Obra de Pai Américo.

Um belo gesto da comunidade de Paço de Sousa, que muito nos agradeceu, por termos que os seus habitantes gostam de nós.

Ludgero Paulo

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

a sua santa aventura na compra da Pousada (onde já passei bons momentos), sendo grande a minha alegria ao verificar as ajudas recebidas». Mais cinquenta de outro casal partilhando alegria e confessando distração. O mesmo de um sacerdote e do assinante 30.447 e de uma doente implorando do Senhor as suas melhoras. Os trabalhadores do Centro Regional de Segurança Social de Setúbal cotizaram-se por altura da nossa Festa, no Luiza Tody, e entregaram 49.636\$00 mais 2.500\$00. O Pessoal da E. D. P., da Praça do Brasil, fez o mesmo para a Casa da Praia: 15.650\$00.

Vinte e cinco contos, da Cova da Piedade. O mesmo, da Parede, a pedir oração pelos filhos. Mais trinta, de duas vezes, de duas senhoras, de Lisboa.

Comunidade Católica de Mainz, Alemanha: 123.774\$50. De Münster, Alemanha, também cem marcos: 7.510\$00. Amsterdam, 5.000\$00; e o mesmo valor, de Soalheira, Fundão, «por uma intenção que vem pedindo ao Senhor», do assinante 23.618; Roda, Cardigos, mais cinco e mais dois contos. O mesmo de dois antigos gaiatos, de Feijó; um anónimo, de V. Nova de Gaia; Viseu; Santo Ovídio — Porto; de uma vizinha, de Aljezur; o assinante 35532, de Portimão; Quinta do Anjo. Uma Maria, de Palmela, renova a mesma quantia com expressões de viva Fé e grande amor. Golegã, seis caixas de vinagre; de um sacerdote; de um casal espanhol. Mais, de Cardigos, Maria de Lourdes; uma amiga e um anónimo. A segunda prestação da Maria do Carmo e uma carta cheia de alegria e comunhão; Pompília; e Maria Helena, do Barreiro.

Jovens cristãos, de Pegões, trouxeram 14.802\$50. Mais

12.000\$00, da mãe de um deles. A Renúncia Quaresmal do Externato Frei Luís de Sousa: 21.750\$00. Força Aérea Americana: 30.000\$ mais 29.765\$. O Colégio Académico: 3.977\$. Vinte contos do assinante 29.822, de Lisboa; e o mesmo, de Tomar; na Festa, em Cova da Piedade e recebido pelo Padre Cristóvão e em memória de Ilda Gomes. Mais 10.000\$00 pela mesma intenção. Três mil para um prego e mais 3.500\$00 de uma mãe de três filhos. Dois contos da Maria Armanda, do Barreiro; quatro, de Silvina; 3.025\$00, partilha de Quaresma, de Águas de Moura; de uma setubalense que vive em Lisboa, 9.500\$00. Costa Constance, 2.000\$00. Dos idosos da Musgueira, fihavo, 3.000\$. Almada, 1.900\$00. Lisboa, mais dois

prá Casa da Praia; e dois prá Festa, de velha Amiga. Vila do Conde e Cascais, 1.500\$00. Três, da Vera; de Márcia Sandra e Joana, de Santo Tirso; e o mesmo de três irmãs anónimas.

Dez contos da Hermínia, de Avanca; assinante 23.312; Castelo Branco, renúncia quaresmal de um casal que trouxe uma bicicleta nova; de Febres; da Maria do Rosário; da Felicidade; e a primeira prestação de um casal cuja esposa está no Céu e o marido na Terra, mas vivendo muito unidos, prometeram cinquenta.

Assinante 27.080, quinze contos; de um trabalhador nosso, o mesmo. Mil escudos do assinante 35.068; da Aldina, pela Leontina; M. M., do Porto; Lisboa; S. Pedro do Sul.

Mais um livro de Pai Américo

DE COMO EU FUI... Crónicas de viagem

Cont. da 1.ª pág.

colha desses textos recheados de pitorescas descrições, enriquecidas pela sua acuidade de observador que não perdia acontecimentos que a muitos escapariam, sem a reflexão que lhe proporcionava bons momentos de doutrina. Por se tratar de uma leitura leve, cheia de encanto, não deixa de ser um livro sério, interpe-lador.

Optámos por lhe dar o nome com que geralmente saíam n' O GAIATO as crónicas que constituem a maior parte do seu tecido. A maior parte, sim; porque há um outro grupo de artigos, no «Famoso», intitulados de «Peditório», que incluímos nesta recensão.

Mas não só. A intenção de publicarmos em livro tudo quanto Pai Américo escreveu no nosso jornal e a necessidade de arrumarmos os seus escritos segundo um critério de selecção, leva-nos a juntar à primeira parte que fica dita, uma segunda, constituída por textos que saíram, ao tempo, sob a epígrafe «Visitantes» — e a estes e a episódios com eles ocorridos dizem respeito.

Para mais, é frequente no regresso das saídas aos peditórios, um vivo despique com os cicerones sobre o que uns tinham conseguido por lá e o que os outros tinham amea-lhado sem sair de casa. O jeito de Pai Américo de «fazer

grandes coisas como quem brinca!»

O título escolhido, necessariamente breve para ser sugestivo, aparece, afinal, apocadado relativamente ao ritmo binário em que o livro é construído: um primeiro tempo, o «de como eu fui...»; e um segundo, o «de como vieram até nós» os Visitantes.

Mas se os capítulos daquele, por mais numerosos, são razão de prevalência nominal, a presença perene de Visitantes nas Casas da Obra da Rua é uma realidade mais forte e importante da nossa vida.»

Júlio Mendes

CADA FREGUESIA CUIDE DOS SEUS POBRES

As jornadas de pastoral sócio-caritativa sobre o tema em epígrafe, anunciadas dois números atrás, decorreram em três zonas que visavam atingir todas as paróquias da diocese do Porto. Muitas faltaram. Mas espera-se que o «vento» do Espírito sobre das vizinhas e leve semente de inquietação. E o Secretário diocesano deste sector pastoral também não desarma e tudo fará por colmatar as falhas, em trabalho paróquia a paróquia.

Neste trabalho pode concorrer — e espera-se que concorra — o grupo empenhado na preparação do Congresso dos Leigos para esta mesma área. Efectivamente, o que se pretende do Congresso não é um acto académico que se consuma nele mesmo, mas uma

acção persistente «contribuindo para que a Igreja se conheça melhor e se dinamize consequentemente numa linha de renovação apontada pelo Concílio Vaticano II, em ordem à revitalização das comunidades cristãs», para que, mais autênticas, se tornem mais capazes de evangelizar a sociedade maior em que estão inseridas.

Se tal finalidade é a de todas as áreas em que o Congresso dos Leigos se desdobra, é-o, especialmente, para esta do Social. Por isso, o grupo optou por trilhar as «vias» abertas pela estrutura diocesana que é o Secretariado da pastoral sócio-caritativa e por cooperar no alcance dos seus objectivos, em vez de outras acções dispersantes de esforços. De resto, este é um campo privi-

legiado da participação dos leigos na vida da Igreja e na missão d'Ela para o mundo.

O objectivo das jornadas foi este mesmo: consciencializar e mobilizar. Consciencializar de que não há autenticidade cristã numa comunidade sem as três vertentes que constituem a missão pastoral da Igreja: a evangelização, o culto e a caridade. As três integram a vivência cristã da comunidade que será menos verdadeira se lhe falta qualquer delas. Mais: Da comunicação da Palavra e da prática Litúrgica, racionalmente se espera, como sinal de Vida, a circulação da Caridade. Sem esta, temos árvore que não dá fruto. E para que serve uma árvore assim, senão para ser cortada e arder?

Com esta mente, cada comunidade tem de considerar-se em estado de mobilização. Nem todos podem estar numa linha de frente, mas há-de poder contar-se com os membros necessários para susten-

tar de pé as três vertentes; e todos se há-de sentir responsáveis por todas elas e representados em cada uma. Assim, se alguém é chamado, por exemplo, ao serviço da Catequese, esse é pessoa representativa da comunidade no sector em que directamente trabalha e está presente nos outros sectores, indirecta mas interessadamente, representado pelos que neles servem. «Todos por um e um por todos» é fórmula de corresponsabilidade de que a pedagogia conciliar não dispensa ninguém, mais ou menos activo que seja. A construção da Igreja faz-se com «pedras vivas»!

Para alcançar este objectivo, o programa das jornadas constou de duas reflexões, uma de carácter predominantemente prático, seguida de trabalho de grupos, outra com a tónica posta na doutrina que fundamenta aquele dever pastoral; e de um momento de testemunhos do que se está fazendo em comunidades de características diferentes: uma paróquia citadina, dotada de um Centro Social; outra de uma vila no meio rural, também com o seu Centro e outra de uma paróquia sub-urbana que, não tendo, talvez, capacidade para grandes realizações de tipo institucional, nem por isso descuida o cuidado dos seus pobres e doentes, serviço assegurado

por um grupo da comunidade convenientemente formado e com um requinte, até, que me impressionou: a presença regular aos membros fora da paróquia, em estabelecimentos de assistência, em hospitais e também aos que estão em cadeias.

Sobretudo este último testemunho é exemplar para muitas paróquias rurais sem qualquer tipo de acolhimento e de resposta aos que na comunidade estão constituídos em pobreza, seja qual for a forma desta. É um exemplo e uma interpegação, porque iniciativa simples e eficaz, à medida dos recursos da comunidade e possível mesmo às mais modestas.

Tais grupos fazem o levantamento das carências que há no meio, acolhem os carentes e procuram soluções aos seus problemas, primeiro dentro da paróquia, para o que terão de despertar a comunidade à partilha — serviço simultâneo e importante de Salvação para muitos adormecidos na vertente do culto, como se só ela constituísse a vida cristã.

Que o Espírito Santo, «Senhor que dá a Vida», abençoe este esforço e o faça resultar, para que, na verdade, em breve, não haja freguesia que não cuide dos seus Pobres.

Padre Carlos

Associações dos Antigos Gaiatos

NORTE

● Já poucos dias faltam para o desejado passeio às nossas Casas do Gaiato, do Centro e do Sul.

Nos próximos dias 27 e 28 teremos a oportunidade de viver dois dias de grande convívio familiar com algumas centenas de irmãos espalhados por aquelas Casas.

Para além da alegria do passeio, que sejam, para nós, dois dias de muita reflexão e nos levem a reviver o passado e a erguer as mãos a Deus para agradecermos o presente.

Programa do passeio

27 de Junho — 8 h, partida do Porto (junto ao Lar); 12 h, almoço na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo; 15 h, partida para Setúbal (jantar e dormida em Setúbal). 28 de Junho — 9 h, partida para o Tojal; 12 h, Missa comunitária; 13 h, almoço na Casa do Gaiato do Tojal; 15 h, partida para o Porto com passagem por Fátima.

● AVISO IMPORTANTE — Devido às eleições marcadas para 19 de Julho, o nosso Convívio, em Paço de Sousa, foi transferido para o dia 26 do mesmo mês.

Carlos Gonçalves

SUL

9.º ENCONTRO ANUAL — Conforme expressam os nossos Estatutos a Associação tem por finalidade:

«Por em prática, na vida, os

princípios cristãos que Pai Américo nos deixou, dando em toda a parte um testemunho vivo da Obra da Rua, criando e mantendo entre os seus membros um espírito de Amizade e Fraternidade que leve à verdadeira Solidariedade.»

Assim, vamos realizar, mais uma vez, o tradicional Encontro anual, dia 5 de Julho, para o qual convidamos todos os antigos gaiatos, de Setúbal, a estarem presentes, acompanhados das esposas e filhos.

Aqueles que têm estado em anteriores Encontros, pedimos que não falem.

A ti, que talvez nunca tenhas vindo, queremos anunciar que nos Encontros já efectuados, têm renascido vigorosa alegria e grande familiaridade entre todos.

A tua presença dará uma satisfação que não podes imaginar! Vir às fontes — ao «Santuário», como Pai Américo chamou às nossas Casas — é mergulhar na pureza do ambiente, refrescando a consciência e avivando os princípios com que a Obra da Rua enformou a vida de cada um de nós.

Neste ano Centenário do Nascimento de Pai Américo, ninguém poderá ficar na sombra. É imperativo que digamos — presente!

Crisanto

PROGRAMA — 8,30 h — Partida de Setúbal para a nossa Casa, em Algeruz; 10 h — Celebração eucarística; 11,30 h — Reunião da Associação; 13,30 h — Almoço de confraternização; 16 h — Jogo de futebol; 17,30 h — merenda.

Depois, o regresso, as saudades... E o desejo de novo Encontro em nossa Casa do Gaiato de Setúbal.

Não fiques, companheiro amigo, dia 5 de Julho!

Américo Correia

AQUI LISBOA!

«Senhor do Evangelho, Rei Imortal dos Séculos; recolhei, chama; apóstolos desprendidos e mandai-os pelo mundo fora ensinar aos homens o Vosso Mandamento.» (Pai Américo)

As Festas, deste ano, terminaram. Os Rapazes, conscientes da sua importância e do seu significado, aplicaram-se. Os nossos Amigos acorrendo em grande número, entusiastas e carinhosos, justificaram os sacrifícios feitos pelos mais responsáveis. O diaporama, trabalho empenhado de um grupo, surtiu o efeito desejado, recordando aos mais velhos a figura, a corpo inteiro, de Pai Américo e dando a conhecer aos mais novos o perfil e vida d'Aquela cujo Centenário estamos comemorando.

O lema que presidiu às nossas intervenções pessoais cingiu-se a «lembrar e honrar os mortos para melhor continuarmos a servir os vivos». Sim, que festejar o Centenário do nascimento de Pai Américo só tem sentido, na óptica da Obra da Rua, para um maior empenhamento e compromisso com os vivos, dando as mãos e colocando Deus no seu lugar, para utilizar expressões ouvidas, de gravações de Pai Américo, no diaporama acima referido. O resto pouco ou nada importará, por inconsequente.

Todas as Casas do Gaiato, bem assim o Calvário, estão

repletas. As solicitações surgem de todos os lados e tanto mais quanto e quando se fala da Obra da Rua e do seu Fundador. Às vezes, permitam-nos a fraqueza, quase desejaríamos que ninguém se lembrasse de nós, tal o afluxo de pedidos, que, como é óbvio, não podemos atender.

Infelizmente, os problemas dos jovens da rua e outros, bem assim os dos idosos e dos doentes, avolumam-se cada vez mais, sem, em contrapartida, surgirem respostas eficazes e prontas. É que não bastam crescer os índices alusivos ao bem-estar material das populações. O uso e o abuso destes valores numéricos constituem, com frequência, verdadeiros sofismas, pois, quer queiramos quer não, o bem-estar dos Povos não se pauta somente pelos aspectos materiais. Há sociedades de abundância onde o homem, sobretudo se improdutivo, não tem lugar e as pessoas são manifestamente infelizes, com elevados índices de suicídios e de desregramentos. Diríamos estar na presença de sociedades desumanizadas, sem valores morais, os únicos capazes de dar um sentido ético aos números e de os colocar ao serviço real dos homens, na sua dupla dimensão física e anímica.

Afastado Deus do seu lugar, esquecida a componente religiosa do homem, este torna-se um ser truncado, gerando um

mundo onde não pode existir paz e a solidariedade acabará por estar ausente. As guerras e os conflitos têm aqui a sua raiz. Escravo do dinheiro e do bem-estar, o homem esquece-se da sua condição de peregrino e da sua finalidade última. De abismo em abismo, vai correndo a sua própria desgraça, em tédio e sem norte.

O dessoramento moral das classes possidentes traz, por arrastamento ou mimetismo, o afundamento das restantes. Os indivíduos, as famílias, os grupos sociais, mesmo que abundem os bens materiais, não poderão ser felizes. É que o dinheiro, se faz parte da vida, não é a vida ou a finalidade do homem.

Onde estão os «apóstolos desprendidos» capazes de contrapor com o testemunho das suas vidas os valores do Evangelho à mentalidade reinante? Escreveu Pai Américo que «não falta quem diga amar a Deus», acrescentando, no entanto, que isso «é muito cómodo e muito barato. Porém, quando chega a ocasião de amar o nosso semelhante, pergunta-se e quer-se saber primeiro quem ele é, como fizeram outrora os da parábola do Samaritano; e, sem se importar com a lição do Evangelho, cada um sai a cuidar de si, dos seus negócios, da sua casa, dos seus berloques — deixando ficar

Cont. na 4.ª pag.

DOCTRINA



A Esperança é o suporte do mundo espiritual

● O que dizer daquele fato, tão bem cuidado, que veio a par do enxoval coberto pela mesma carta, oferta da mesma mão, seguramente?! Nessa carta, sem nome, transparecia todo o saber e todo o sabor de dar bem: «Esse fato é de pessoa saudável, pode dar sem medo». Assim, sim! Nós temos a experiência das coisas, colhida no lidar de Pobres; e ao abrir pacotes que todos os dias recebemos, imediatamente verificamos o carinho de quem dá a Irmãos pobres e doentes, ou o enfado de quem alija bugigangas ao mar.

● O fato foi cair no corpo de um operário, a quem fui surpreender a calafetar as frinchas do casebre com tiras de papel e a forrar o quarto dos pequenos com tábuas de calxote. São seis filhos de dez anos para baixo, todos de cera, andraxes no corpo, tristeza de viver. Inocentemente, imerecidamente, esta pobre família do pintor, como tantas mais, expia faltas que não comete, condenada neste mundo a um viver gemido, arrastado, sem pão no forno nem lume na lareira, nem roupas na caixa; ela, que tem o direito à mesa posta, ao pão dos filhos, à suficiência da vida e ao contentamento de viver.

● A Caridade, porém, não protesta nem se queixa; sofre, confia, espera. Este verbo universal que anda no coração de toda a gente, é a palavra de hoje — Esperança. Sim, eu espero na simpatia activa e compassiva de quem nos lê; espero naquela boa vontade que sabe multiplicar e repartir o pouquinho que tem de seu; espero absolutamente na Providência do nosso Bom Deus, Vivo, Pessoal, Inteligente, de cujo seio caem todas as ofertas, como caiu outrora, na mesa do Povo escolhido, o pão do deserto; espero ainda que Ele me conduza, de preferência, àquelas casas onde há doença na cama e revolta nos corações, porque falta o azeite na candeia e o sal na cozinha; espero, finalmente, ter muita pureza nos olhos, muita rectidão na consciência, muita justiça no dar.

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* - 1.º vol.)

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão do último trimestre é uma multidão de gente!

O nosso Padre Luiz motivou dezenas e dezenas de novos leitores da Amadora, Bombarral, Torres Vedras e outros locais da zona de Lisboa.

Da região Norte, Padre Carlos trouxe mais de 400 novos assinantes, de Bundeiro, Murtosa e Paramos (Espinho), que aderiram à Família d'O GAIATO nas celebrações eucarísticas dominicais.

Além-fronteiras, particularmente na Alemanha Federal, andam por lá Amigos devotos que mandam listas pejudas de portugueses em diáspora, ficando, assim, mais unidos à Terra-mãe.

Regressemos à velha Pátria lusitana e deliciemo-nos com algumas bandeiras desfraldadas na procissão.

Assinante 29980, de Ama-

rante — terra que, pela sua História, Pai Américo tanto gostava de visitar e contar os seus feitos:

«Com o meu atraso habitual (que o Senhor tenha juro bafejado de Misericórdia) peço façam a inscrição, n'O GAIATO, de mais estes Amigos (11) a quem ajudamos, assim, na redacção daquela «carta de recomendação» que no Além, junto ao Senhor, por todos nós espera.

E um pedido cuja concretização urge que aconteça: No dia-a-dia topais a todo o momento o Padre Américo (sim, aí, está muito mais perto). Pedí que oiça a prece que diariamente lhe faço e empenhadamente a transmita ao Senhor.»

Um vulcão de Fé!

Outro:

«(...) Nesta Quaresma procurei angariar alguns assinantes para O GAIATO, todos meus

colegas, todos da Marinha. Depois de mostrar o jornal e falar da Obra da Rua, concordaram em se tornarem assinantes.»

Rocarrat Clube de Almada:

«Somos um Clube de serviço à Comunidade e temos, como Prova Quádrupla, do que nós pensamos, dizemos ou fazemos: 1.º — É verdade?; 2.º — É justo para todos os interessados?; 3.º — Criará boa vontade e melhores amizades?; 4.º — Será benéfico para todos os interessados?»

Agora, o assunto que nos fez escrever: queremos ser assinantes d'O GAIATO.»

E se outros Rocarrats — «Clubes (jovens) de serviço à Comunidade» — seguissem o exemplo? Haja quem levante a lebre (porque não o de Almada?) para que O GAIATO seja um companheiro de todos os Rocarrats do País.

Assinante 30996:

«Faz precisamente um ano que O GAIATO entrou em algumas casas da nossa aldeia. A sua leitura tem sido muito apreciada e, por isso, apesar do meio ser pequeno e pobre, vão mais oito novas assinaturas.

ASSINATURAS — Em todos os lugares, templos ou casas de espectáculos, temos procurado fazer a divulgação d'O GAIATO. Consideramos bem sucedidos os esforços feitos. Assim continuaremos a fazer, pedindo, no entanto, como aqui já foi referido, que os assinantes enviem os valores das assinaturas para as Casas das zonas onde residem, dada a independência económico-administrativa de cada uma delas. Obrigado.

MAQUINA OFFSET — Está montada. Tratou-se dum grande investimento, que excedeu largamente o previsto, rondando os oito mil e seiscentos contos!

Padre Luiz

AQUI LISBOA!

Cont. da 3.ª pág.

na estrada, caídos, os irmãos estropeados!».

«É pelo coração que se realizam as obras que apaixonam. Nem é com dinheiro, nem é com prestígio, nem é com política, muito menos com decretos, com discursos, com leis. Tudo isso fenece.» Deste modo Pai Américo se refere à «doença do Amor». Venham os «doentes» capazes de se dedicarem, sem cálculos ou reticências, ao serviço dos Irmãos, sejam eles quais forem. «Felizes aqueles homens que se deixam matar por uma paixão saudável, meritória, construtiva. Semeadora do Eterno!» Venham os «apaixonados».

Doutrina Social

Mais do que um Mestre, Pai Américo foi um testemunho. Está aqui o segredo da força revolucionária da sua vida feita de palavras e gestos. Falava do que viu. Escrevia como falava. Quando assim é, o testemunho inquieto. Mexe com as consciências. Desperta. Suscita novos testemunhos.

Uma das facetas mais interessantes da sua palavra e dos seus escritos está no dinamismo, aliás presente em toda a Obra que nos deixou, gerador de ressonâncias como esta que não resistimos a transcrever pela beleza da doutrina que contém, marcada pela nota do equilíbrio, tão característico em Pai Américo:

«O Evangelho do último domingo fala-nos do despojar, como única maneira de fazermos caminho para a Casa do Pai. É difícil, mas a questão é posta em termos radicais: ou Deus ou o dinheiro! No entanto, nós temos de construir a cidade terrestre para que o

Reino de Deus comece aqui e agora, na terra em que vivemos.

Queremos, minha mulher e eu, juntar a nossa Quaresma deste ano à vossa. A comunhão dos santos possível, por graça de Deus.

Para isso, e num esforço de despojamento que ajude a caminhar, aqui juntamos alguns objectos que têm um grande valor afectivo e, julgamos, algum valor monetário. Agradecemos que os transformem em numerário ao serviço dos Pobres. Ou sejam, ao serviço da Obra.

Somos anónimos. Queremos, neste anonimato, estar convosco, de modo especial, neste ano de Centenário do Padre Américo.

Ele deixou tudo e seguiu o apelo do Evangelho. Graças a Deus!

Um casal»

«Ou Deus ou o dinheiro», sim. Equilíbrio. O dinheiro é necessário tanto quanto serve

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Graças ao Senhor Deus pelo orvalho que está a cair e a refrescar a terra. As plantas sequiosas bebem estas gotas pequeninas e procuram saciar a sede. Os agricultores olham as nuvens e tentam adivinhar o tempo. A natureza continua a esconder os seus segredos, apesar dos homens tentarem conhecê-los todos. O pão de cada dia exige trabalho e confiança. O semeador

lança a semente à terra e espera que dê o pão. Que o Senhor Deus abençoe e faça frutificar o trabalho de todos os semeadores confiantes.

■ Diante de mim está o cemitério desta aldeia. Campo santo dos que já viveram. Há muitas campas de pedra mármore trabalhadas e revestidas de flores. As flores são as mais bonitas que se criam nos jardins da aldeia. Parece um museu-jardim este cemitério!

Lá dentro não há vida. É natureza morta. É só o que cada um leva. As boas e más obras acompanharam cada um.

O exterior fala-nos aos sentidos. Pode consolar-nos ou confortar-nos. Para aqueles que ali foram sepultados vale-lhes o fruto das nossas boas obras e a nossa oração ao Senhor Deus de Misericórdia.

Junto ao portão está uma lápide com a oração: «Admiti-os, Senhor, no Reino da Vossa Glória». Este mundo também é Reino de Deus. Mas só depois desta vida seremos recebidos no Reino da Glória, se encaminharmos para lá os nossos passos.

Padre Manuel António

Padre Horácio

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa 4560 Penafiel